

CORTESIA

O ACADÊMICO

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO III * Nº. 26

SETEMBRO DE 1977 — BLUMENAU — SC

Cr\$ 3,00

CARTAS

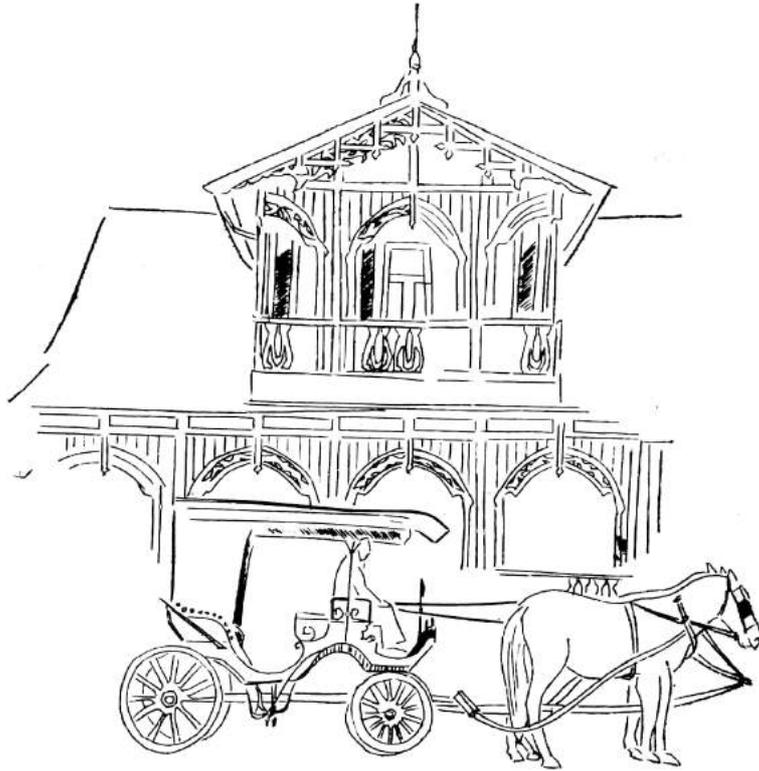
CURSOS

ENTREVISTA

OPINIÃO

EDUCAÇÃO

LITERATURA



«GASOZA»
uma era
que já era

**O cachorro
do Olsen
é comunista**

**Teatro
Amador
em SC**

**LABORATORISTAS MINEIROS SE DEFENDEM
DOS MICRÓBIOS ENQUANTO
BLUMENAUENSES CLAMAM POR INSETICIDA**

CARTAS

CAÇADOR SC — Amigos da comunicação

Tenho conseguido esporadicamente O ACADEMICO, que além de divulgador do DCE de Blumenau, é mais um órgão que tem por objetivo a comunicação — arte tão difícil de se ver cultivada em nosso mundo.

Para seu conhecimento, sou formado e mletas pela FAPE, aqui de Caçador, curso Administração atualmente e estou ligado de perto à nossa literatura.

Por isso tenho espalhado meus pássaros perdidos em várias publicações, inclusive no Suplemento do JSC. Coloque-me — desta forma — ao seu inteiro dispor para enviar matéria (poesias, crônicas...) ao O ACADEMICO.

... Enquanto peço a senha, segue um abraço do SILMAR BOHNER.

FLORIANÓPOLIS SC — Prezado amigo e colaborador

Temos o prazer de voltar mais uma vez ao agradável contato com V. Sa., desta vez para informá-lo que estamos remetendo pelo correio um exemplar do nosso último lançamento "Pedra Redonda" de L. A. Martins Mendes.

Esperamos contar com o seu agradável comentário, o qual sempre em forma de crítica literária construtiva, tem-nos estimulado a continuar o trabalho de divulgação aos escritores catarinenses.

Nesta oportunidade aproveitamos para informá-lo com muita satisfação, que o livro "Memórias de um Menino Pobre", nosso lançamento anterior, está prestes a esgotar sua primeira edição, que foi de 5.000 exemplares. Isto o transforma no mais autêntico Best seller, levando em consideração que são decorridos a-

peras 3 meses do seu lançamento.

PEDRA REDONDA vem também com bastante força e muitos atrativos para ser amplamente aceito pelo público leitor brasileiro, que começa a ver com bons olhos os novos autores nacionais e, particularmente no caso de nossa editora, catarinenses. Esperando merecer novamente o seu apoio, subscrevemo-nos, atenciosamente LIVRARIA E EDITORA LUNARDELLI.

FLORIANÓPOLIS SC — Prezado escritor e amigo,

A partir do dia 10, os escritores e artistas catarinenses em geral, passarão a ter, semanalmente, um ponto de encontro, onde poderão debater, conversar, conhecer, sugerir, criticar, e o que é mais importante, participar ATIVAMENTE de um movimento, através do qual poderá eclodir muita coisa boa em benefício da cultura catarinense.

Trata-se de promoção conjunta página CESTO, por mim editada dominicalmente no Jornal de Sta. Catarina e Editora e Livraria Lunardelli, com o objetivo de aproximar os diversos artistas catarinenses, buscando um debate sincero, o aprendizado, a troca de experiências, o reconhecimento com humildade entre nós.

Caro amigo, sua presença é indispensável. Suas experiências, suas obras, sua humildade só trará benefícios aos que lá estiverem.

Não haverá lugar para mágoas, ressentimentos, dores de cotovelo ou recalques. Queremos apenas que todos busquem com sinceridade, reconhecimento e humildade, aquilo que vem se tornando a

cada dia mais difícil, isso é, a integração, o conagraamento, a valorização de autor catarinense pelo próprio autor catarinense e seu público. Eminentemente amigo e escritor, participe, não se omita, pois só assim você poderá contribuir para a formação do outro e de você mesmo. Cordiais saudações. PINHEIRO NETO.

JOINVILLE SC — Prezado senhores

Solicito informações quanto a possibilidade de enviar cartuns ou histórias em quadrinhos para a sua publicação. Há interesse do Museu de Arte em comunicar aos cartunistas e desenhistas catarinenses para possíveis participações. Agradecendo a atenção dispensada, EDSON MACHADO, diretor da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo Museu de Arte de Joinville.

University of Colorado, dept. of Spanish & Port. Boulder, Colorado, 80302 USA —

O Jornal O ACADEMICO agradece a divulgação de poemas de sua publicação na revista: Poema Convidado editada nos Estados Unidos por Teresinka Pereira, bem como, as constantes notas concernente a esse órgão de imprensa catarinense.

SÃO PAULO SP — Agradecemos o convite feito a redação do Jornal O ACADEMICO pela Câmara Brasileira do Livro e a Comissão Organizadora para participar do Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira a ser realizado em São Paulo.

FLORIANÓPOLIS SC —

Remeto agora já de Ppólis, onde cheguei ontem, notícias sobre o IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária. Estive lá para distribuir, pessoalmente, livros de autores catarinenses. É uma fórmula de alcançar a crítica nacional e dizer também sobre os que escrevem. Foi uma oportunidade para dizer igualmente, com o atual governo deste Estado estimula aos que escrevem e aproveita os originais.

Vai também anexado um exemplar da Revista "Garatujá" com aut.grafo para você... Com o meu abraço a renovação da minha amizade e respeito ao seu esforço.

Theobaldo Costa Jamundá

JUIZ DE FORA MG —
O Diretório Acadêmico Wladimir Herzog, do Curso de Co-

municação da UFJF, irá promover um debate sobre "A IMPRENSA ALTERNATIVA" para o qual estamos convidando os jornalistas Marcos Faerman e Luiz Egipto (VERSUS); Zivaldo (PASQUIM); Antônio Carlos Ferreira (MOVIMENTO); Aloisio Morais Martins (DE FATO); Jô Amado (POSIÇÃO); Alcy (MOVIMENTO E PASQUIM) e Bernardo Kucinsky.

Paralelamente a este debate estamos organizando uma exposição de publicaçõesônicas ou independentes, e precisamos a tempo, de mater al ligado ao movimento alternativo. Solicitamos, portanto, o envio de alguns exemplares de suas publicações.

Agradecemos antecipadamente e pedimos divulgação, Saudações Universitárias RAQUEL BRAGA SCARLATELLI, presidente do DA Comunicação UFJF.

EXPEDIENTE

Jornal O ACADEMICO
Caixa Postal 1124
89.100 - Blumenau - SC

FUNDADORES

Oldemar Olsen Jr., Maria Odete Onório Olsen, Fred Richter, Domingos Sálvio Nunes, José Luiz Dias de Souza.

Diretor e Redator Responsável

OLDEMAR OLSEN Jr.

REDATORES

Maria O. Onório Olsen, Fred Richter, Domingos S. Nunes, Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto B. Saut, Sílvia B. de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos E. O. Bastos.

Divulgação e Relações Públicas

EMILIO SCHRAMM

COLABORADORES COMERCIAIS

Agradecemos as seguintes firmas, sem o qual nosso jornal não seria uma realidade.

Agrojard, Artex, Centro Copias, Diretorios Acadêmicos Eletro Médica S.A. Engecop, Flamingo Fiambreria Globo Livraria Academica, Mini Mercado e Comercial Victor Probst,

ASSINATURAS Cr\$ 50,00 anuais

JORNAL "O ACADEMICO"

C.P. 1124 — 89-100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

CEP

Cidade Estado

Uma significativa mostra cultural no 1. Salão Universitário de Artes Plásticas

No princípio foi apenas uma idéia, que ganhou corpo, recebeu vida e agora, sobrevive por si só. Tentaram fazer com que ela ficasse somente no corpo (como tentaram)... Graças a convicção de alguns elementos e a persistência de outros, a promoção foi levada adiante e pode ser ainda contemplada no hall de entrada de nossa faculdade. A Exposição foi aberta no dia 30 de setembro e teve as seguintes palavras na voz do presidente do DCE, Eduardo Pokrywiecki:

Universitários:

O homem que trabalha e realiza alguma coisa não tem tempo para os momentos de vazio em sua vida.

O universitário tem que amadurecer. Aquele que se empenha em promoções culturais e de pesquisa durante a sua vida universitária terá garantido o seu futuro.

Os estudos universitários podem ser comparados a um torno mecânico que trabalha a peça para entrar em funcionamento.

A nossa Pátria está ansiosa por ver seus filhos despontarem como profissionais competentes em todos os ramos de atividade.

Aos expositores de Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Criciúma, Rio do Sul, Florianópolis e Blumenau que acreditaram no Salão — fica o agradecimento dos organizadores.

Aproveito para agradecer a presença das autoridades e dos jurados.

A Prefeitura Municipal de Blumenau aos alunos do Curso de Educação Artística da Furb e a Galeria Açú-Açu que colaboraram com o evento fica o agradecimento de todos os universitários.

— Prepara-se um novo mundo nas épocas de crise. Construir um mundo é

mais belo que ser vigia de museu. Os acontecimentos que estamos presenciando devem dar aos jovens o entusiasmo pelas grandes tarefas que os esperam.

Estiveram presentes, na abertura, as seguintes pessoas:

Presenças: — Deputado Estadual Alvaro Correia — representando o Snr. Prefeito Municipal.

— Prof. Almerindo Brancher — representando o Presidente da Câmara Municipal de Blumenau.

— Dr. José Bonifácio da Silva — Diretor do Fórum

— Prof. Inácio Ricken — Reitor da FURB

— Prof. Dr. Arlindo Bernart — Diretor da Faculdade de Direito

— Prof. Dr. Leo Arno Probst — Diretor da Faculdade de Economia.

— Prof. Lourival Beckauser — Diretor da Faculdade de Educação Física

— Prof. José Tafner — Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Fizeram parte do Júri os seguintes elementos:

Maria Cristina Schaeffer — Prof. Curso de Educação Artística da FURB
Elke Hering Bell — Artista Plástica
Carlos Humberto Correia — Prof. EDESC e UFSC

Silvio Pléticos — Artista Plástico
Edson Buch Machado — Diretor do Museu de Arte de Joinville

Guido Heuer — Diretor Cultural P.M.B.

Os premiados deste 1º. Salão foram:
1º. lugar: Reinaldo Wilmar Pfau — de Blumenau-SC.

2º. Lugar: Carlos Eduardo Machado — Curitiba — Pr.

3º. Lugar: Carmen Lucia Pratini Correia — Porto Alegre — RS.

Lygia Rousseng Neves — Blumenau — SC.

Menção Honrosa: Grupo Design; Ricardo Braescher

O universitário está na Universidade para estudar. A nossa sorte e felizmente, nem todos conhecem essa afirmativa limitrofe e como desconheciam o axioma saíram do confinamento biológico de uma existência pacífica e mostraram o que muitas horas de lazer bem aplicadas tem condições de gerar. Muitos dos expositores são artistas profissionais de renome. Assim, encontramos em Reinaldo Pfau, uma preocupação constante com pesquisa. Preocupação em mostrar novas formas de manifestar a mesma arte. Bem recompensadas foram suas horas de labor. Lygia R. Neves, despidendo-se dos velhos preconceitos de que mulher está no mundo para gerar filhos e trabalhar na cozinha... Seus trabalhos dignificam o cognominado: Ano da Mulher.

E o nosso amigo de Curitiba, Carlos Eduardo Machado com sua técnica mista, bico de pena e aquarela revelando a inquietude que paira no íntimo de cada ser humano, a preocupação em mostrar a dificuldade de comunicação entre os racionais fazem a temática das suas obras e que também tiveram um lugar de destaque. O Grupo Design que recebeu menção honrosa pelo seu projeto industrial brinquedo, um projeto de um brinquedo, o que revela a preocupação do universitário em construir um mundo melhor amanhã. O amanhã que deve ser preparado hoje. Não com boicotes e nem com a censura... Ausentes de violência, mas com o diálogo.



**FAÇA SUA CASA SORRIR
COMPRANDO NO PROBST**



scriba



Flamingo

CAMA — MESA — BANHO — MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU
ITAPEMA
FLORIANÓPOLIS

TER OU SABER... EIS O PROBLEMA

O. J. Ferreira

Há ocasiões em nossas vidas em que as grandes decisões devem ser tomadas em contrário à própria consciência. Não toram poucas as vezes onde o distinto leitor por certo já teve que tomar medidas inconvenientes com o objetivo único de sobreviver neste mundo cão.

De que adiantam as avalanches de conselhos e leituras filosóficas de princípios humanitários, quando nos vemos cercados e sob pressão de pessoas que desconhecem a importância do relacionamento sadio.

Não há como fechar os olhos e ignorar que somos joquetes nas mãos de intresseros que ficam à espreita de um momento de fraqueza para fazer-nos submeter às suas vaidades e caprichos. É utopia apregoar a lisura das amizades onde cada um tem como lema, única e exclusivamente a defesa do seu laço material, onde sua preocupação individualista não mede o menor esforço em usar armas vis contra seus próprios companheiros, qual irracionais que sacrificam seus consanguíneos na busca da subsistência. É a luta covarde em favor de um conceito de valor abstrato, onde ganham não os que possuem a capacidade de raciocínio para conceituação de amplitude maior, não os que pensam no conjunto das coisas capazes de reverter em benefício de todos; mas os donos de uma mentalidade curta e momentânea com ânsia de obter os cifrões necessários em nossa sociedade mundana. É fe-

nômeno cômico visto por pensadores de outras formações, é a corrupção autêntica norteada em objetivos de opulência e luxúria, é um valor vazio de "status" em que não vale a pena condenar por fazer-mos parte desse meio social, tanto que já se tornou pensamento padrão em nossa cultura ocidental. Os que ousam defender o lado espiritual sobre o gosto que fazemos pelo conforto físico, fatalmente estará merecendo o descrédito da grande maioria, a falar sozinho e dizer balelas passíveis de levarem-no ao ridículo. Por essa razão somos incapazes de admitir outra forma de cultura diferente e vemos com cepticismo hábitos, rituais e crenças diferentes das que mantemos.

Aceitando, contudo, a fatalidade do consumerismo caótico que delinea o nosso tipo de vivência, há que criticar os meios escusos empregados por indivíduos despersonalizados, para alcançar seus desejos materiais, afastado da honradez e do respeito ao próximo.

Nossas vidas tomam forma de acordo com os mitos criados pelo próprio meio social, buscando cada ser humano firmar-se num esteio orientador para conduzir o seu comportamento constantemente forçado e conduzido a outras direções por força da sociedade em que vive. Querer destruir o ponto de vista de cada um, pelo mero prazer de contradizer é sem margem de dúvida suprimir-lhe o timão da sua conduta individual, é desorientá-lo para caminhos contrários

aos idealizados e por conseguinte conduzi-lo à destruição. São venenos destinados por autênticos "mau caráter", incapazes de criar uma personalidade edificante, pois deturpam a moral do grupo a que pertence, o qual sempre anseia encontrar nas suas lideranças um modelo de conduta.

Aliar-se a entabuladores de planos destrutivos, meramente para obter proveito mesquinho ou pela sádica satisfação de ver desfeita a esperança de outrem, é tão covarde quanto o diabólico responsável pela idealização do plano capaz de culminar na capitulação de um inocente e bem intencionado. A afirmativa é verdadeira a ponto de a história de Pilatos nos dar exemplo quão digna de compaixão é a imaturidade dos que "lavam as mãos".

A ambição de cada um pode ser a tônica construtiva, sendo de grande valor planejar sua vida para atingir a penitência de realização material, mas é de relevante importância sabe alcançar o êxito através da inteligência e do esforço próprio, sem ferir e destruir os semelhantes, independente da sua origem ou crença.

Que cada um faça a sua riqueza, é o direito de ter, é inerente ao nosso egoísmo natural, todavia o mérito e a satisfação maior, mesmo na conquista de valores tangíveis, é saber como preencher sua ânsia sem macular e oprimir os menos favorecidos e muito menos os próprios companheiros de vanguarda.

Os novos poderão ser editados

A EDITORA LUNARDELLI, está organizando um levantamento de contistas e cronistas catarinenses, e vai publicar uma antologia reunindo um conto ou uma crônica curta (com uma página), de cada autor catarinense selecionado.

Tal antologia será aberta a qualquer pessoa interessada e para participar, basta o autor encaminhar seus trabalhos à rua Victor Meirelles n.º 28, ou caixa postal 263, acompanhados de um breve resumo biográfico e de uma fotografia 6x8.

O livro, que será editado e distribuído em todo o Brasil pela LUNARDELLI, pretende reunir o maior número possível de autores, novos ou já editados, visando levar ao público brasileiro, uma amostra do potencial literário catarinense, que começa a ganhar a devida importância no cenário nacional.

Ao lado de nomes famosos da nossa literatura, constarão da referida antologia nomes de autores até então desconhecidos para o público leitor, os quais através deste livro, serão lançados à crítica dos leitores brasileiros encontrando talvez sua oportunidade.

Estamos convocando todos os autores catarinenses a participar.

Contamos com o seu indispensável apoio, e também com a sua participação.

Atenciosamente
 Editora e Livrarias Lunardelli

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
 Rua Monte Alegre, 1434
 05.014 — São Paulo — (SP)

NOVIDADES AOS LEITORES

A EDITORA E LIVRARIAS LUNARDELLI em convênio com a EDITORA REVERTÉ de Barcelona (Espanha) trás ao público uma fabulosa exposição de livros técnicos espanhóis, versando principalmente sobre:

"MEDICINA — QUÍMICA — BIOLOGIA — ENGENHARIA — FÍSICA — MATEMÁTICA."

A exposição composta aproximadamente por 300 títulos, será aberta no dia 10 de outubro, permanecendo em Florianópolis até o dia 10 de novembro, quando seguirá para nova amostra em Curitiba.

Trata-se portanto de uma oportunidade rara que o público catarinense terá para conhecer e adquirir as mais recentes publicações da Espanha.

Contando com a sua presença e com o seu habitual apoio à divulgação de promoções culturais dessa envergadura, subscrevemo-nos,

Atenciosamente
 Editora e Livrarias Lunardelli

Obs.: A exposição será de 10/10 até 10/11/77 nos seguintes locais
 — Rua Deodoro n.º 18
 — Rua Victor Meirelles n.º 28
 — Florianópolis

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LETTURA.

Rua Itamonte, 50
 Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

Uma era que "já era"...

Moacyr Gomes de Oliveira

É UM PROBLEMA que se desenha insolúvel, e antes, cada vez mais se agrava (porque se cresce o preço do carburante, não descrece e antes continua em ritmo progressivo o registro para novas licenças aos que dirigem carros em cidades que, de congestionadas passam a categoria de super-congestionadas) é um problema repetitivo, esse que temos já encarado aqui no que concerne ao uso e abuso da "gasoza" importada.

Que acreditamos, pra começo de conversa, essa limitação aos 80 rodados, mais do que uma medida de redução do carburante, tenha por objetivo a segurança dos carros em seu perspassar e ultrapassagens (o que seria digno de registro, eis mais, muito mais do que o índice pertinente à economia importa, mil vezes, a proteção à vida humana) e neste ponto que envolve também a poluição, deveria firmar-se a nossa política automobilística. Uma política dura, tal usamos e empregamos frente a esse intrometido e, no final, atrevido Mr. Carter em tentar dar as ... cartas ao nosso País em matéria que foge a sua alçada, e neste ponto, como diz o nosso irmão hispânico, "hay que tener dignidad". É aí estabelecer o nosso intrépido Presidente ir ao compasso dessa sua atitude viril e desassombrada, estabelecendo uma nova linha automotriz em que se leve em conta a adopção da eletricidade nos novos carros e como teremos ocasião de ver e examinar mais adiante neste nosso artigo. Que já também de pouco ou nada adianta pensar-se em haveremos de substituir o petróleo importado ou não por outros elementos energéticos, talvez mais baratos quais o álcool e, mesmo, como temos lembrado a volta ao gasogênio (com apelo não menos ao gás condicionado em bujões), quando os inconvenientes da poluição aéreo-pulmonar e sonora contiúam do mesmo jeito e ritmo, com mudanças apenas nos índices de toxidez e agressão auditiva. Outro dia ainda, amigo que prima pela ponderação e bom-senso, lembrava-se, com a limitação fabril que se deveria fazer na produção dos carangos, o comportamento obstruso desta cerimônia, como é a de um enterro, bastas vezes de um... falecido gosando de "Estatus" que não será preciso ser grandemente elevado, chegando lá nas estratosferas colonistas do sr. Ibrahim Sued: a

reunião de um renque interminável de carros acompanhantes em fila mortuária. E tudo se processando longe do Campo Santo, em marcha lenta, ou quando muito em prise de segunda, num desperdício fora de série do carburante. Homenagem derradeira ao defunto, vítima possível ("sic transit"...) de um acidente de ... trânsito nas grandes urbes onde os engarrafamentos são frequentes, horas e horas para percorrem-se algumas quadras que nem chegam a atingir escasos quilômetros e assim com aspectos fúnebres que acompanham "pari-passu", e outros já alcançam maiores proporções. Porque um dos enguiços piores que nos mimoseiam essa mecânica explosiva do motor de um automóvel é o mais desconcertante aparelho que lhe inventou em pontos de locomoção ou transporte, é fora de série do carburante, é a engrenagem anteposta a sua marcha. Feito para correr desabaladamente dentro da violência aprisionada em seus cilindros, o automóvel é o mais decepcionante aparelho em matéria de consumo e desperdício. Já não lhe bastando os excessos quando ultrapassa a casa dos oitenta (o que é um contra-senso) chega aos extremos do consumo gasoso se lhe obrigam a deslocar-se em passo de cágado, já que em escasos metros de andamento se esforça e agita qual se tivesse pela frente a subida fortemente íngreme de uma encosta (quando todo o percurso hoje é realizado em pistas planas). Neste ponto, e em tudo por assim dizer que lhe diz respeito, temos neste infeliz invento um remanescente de época passadas, quando ainda tínhamos o Ford dito de bigode a percorrer as nossas estradas, uma traquitana absolutamente obsoleto, quando muito merecedora da honras de um museu. Não sei se vocês amigos viram, como vimos pela TV faz poucos dias ainda. A presença nas ruas de Paris de carros — isso há "apenasmente" 50 anos! — dos mais elegantes e sedutores modelos de carros já fechados, tipo "landeaux" e todos impulsionados a eletricidade. Limpos, leves, decentes, de uma versatilidade que ainda hoje será de espantar. Porque um carro elétrico, além de não poluir, não sujar com fuligem ou graxa é o veículo mais fácil, mais diligente e docil de ser conduzido. An-

da e freia com a maior facilidade, dado o seu peso insignificante e controle de marcha limitado a um recostato que dispensa a caixa de trocas, torna-se um veículo fascinante pelo seu funcionamento e deslocamento face a todo esse amontoado de vigotes, ferro, bloco-motor e complicada caixa-de-mudança e engrenagens supérfluas. Sei que vocês, por moços ainda, não alcançaram a virada espetacular que foi a transição da pesada, imensa máquina-à-vapor para o leve, transportável por uma só pessoa que foi o engenhoso, mas potente motor elétrico. A primeira, exigindo a presença constante e especial com muitas horas de serviço de um maquinista a assistir e manobrar todo aquele Liviata de ferro e aço, a bocarra da fornalha sempre ardo, a caldeira bufando vapor por todos os cantos, pesados cilindros e êmbolos além do enorme volante, a despedir fumaça e fogo: o segundo, elétrico, com alguns quilos apenas de peso, compacto e poderoso assim mesmo, pedindo apenas o acionamento de uma pequena alavanca para pô-lo em movimento e parar, tudo como se fosse num passo de mágica. E, daí, com ser infinitamente econômico, uma prestação de serviço limpo e decente.

Extranha-se hoje (olhem o que já diziam os nossos antigos de que o automóvel, aliás pomposo exclusivista aristocrata, só dava dois prazeres: um, de quando entrava na garagem e outro, quando dali partia para nunca mais voltar!) estávamos dizendo extranha-se hoje que substituindo o pesado, dispendiosa máquina de Wath, o engenho elétrico não tivesse emprego, também, nos automóveis, já que, nesses, a adaptação se oportunizava facilíma (sem o apelo ao complicado motor de combustão interna, um trambolho a transportar, emprego da complicada caixa-de-trocas de que já falamos e intrincado cardã ou diferencial, além de todo o risco e perigo que envolve o uso da por si vi-

lenta e explosiva gasolina). Influência, por sem dúvida, da propaganda bem encaminhada dos cartéis e trustes norte-americanos na rançosa e repisada ganância de, com os veículos exportados, hoje comodamente, sem os dispendiosos fretes marítimos fabricados nos próprios países seus caudatários, como o nosso! —, da saída ao líquido oleoso e por si nauseabundo bombeado de um poço petrolífero. Mas o que nos cabe agora empreender é procedermos esse regresso, o melhor retomada de posição ao que faziam os sábios e cautelosos franceses há bem meio-século.

A era do automóvel, convencional e sobretudo ridículamente obsoleto que aí está, "já era".

Abre-se-nos, hoje, novos e esperançosos horizontes.

E isso tanto mais quanto, na perspectiva risonha e façueira que é a obtenção de energia atômica, ela ficará para ser empregada nos grandes navios e locomotivas, fora a obtenção neste caso fabulosamente barata da energia ou força elétrica para uso em nossos carros automotores, alcançada, como se sabe, através desses reatores. E nem se objete dos perigos advindos da barra atômica quando (sem ser preciso, nesse nosso imenso território de partes inospitas que Deus nos prodigalisou) encaminharmos tais resduos para o sótão da rua.

No mais, cogitar em álcool-motor, gasogênio e o que mais for (como estávamos procedendo por aqui...) nesse emporcalhamento de explosões que só têm motivado malefícios incontáveis para a nossa saúde e sacrifício de inúmeras vidas patricias cortadas, é chover no molhado.

E já a resposta desinibida e corajosa que através do nosso Presidente demos a esse emproado Mr. Carter, teremos que dar, "ipso-facto" aos... cartéis automobilísticos, a não ser mesmo que esses se encaminhem por igual direção que é a libertação pátria, com a usina nuclear e, com ela, a fabricação de novos e condizentes veículos elétricos!



toalhas

ARTEX

A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina

Laboratoristas mineiros se defendem dos micróbios enquanto blumenauenses clamam por inseticida

Renasce em Minas Gerais a (ASPTAL), Associação Profissional dos Técnicos e Auxiliares de Laboratórios de Minas Gerais, para defender os direitos, interesses profissionais "laboratoristas" de análises clínicas ou técnicas de patologia clínica.

Estima esta entidade em quatro mil associados, principalmente os auxiliares, profissionais mais numerosos e que, segundo manifestam são os que mais sentem os problemas trabalhistas que pesam sobre a categoria.

Como reivindicações imediatas, destacam os desníveis salariais que os laboratórios particulares e da rede hospitalar em geral, vem insistindo em manter, uma vez que, até então, sem um órgão de representatividade, estes profissionais lutam individualmente para obterem os mínimos direitos profissionais. Outro problema é o desrespeito a carga horária, um flagrante e uma rotina para os empregadores, descumprindo a resolução 189/76 da Secretaria da Administração, que afirma em sua norma: "As classes de Cirurgião dentista, Médico, Operador de Raio X e Laboratoristas tiveram sua jornada diária de trabalho fixada em quatro horas, atendendo o que dispõe o inciso II do artigo 18 do decreto 16.409, de 10 de julho de 1974.

Além destas reivindicações, direitos como risco de contágio, insalubridade já nem passam pela cabeça dos empregadores que como é de rotina, assinam os resultados de exames que saem dos laboratórios.

"Aqui no Pronto Socorro todos os exames ficam por nossa conta, independente da gente ser um auxiliar ou um técnico, com ou sem diploma.

A gente mesmo assina os resultados", salienta um profissional do HSA.

Lembram ainda que o próprio governo vem estimulando os cursos profissionalizantes que dão condições para que o brasileiro que presta o seu trabalho não precise, forçosamente, cursar vários anos

na universidade para fazer um trabalho técnico, como acontece com as pesquisas laboratoriais.

Apesar de manipularem perigosos micróbios, a grande parte dos profissionais auxiliares e técnicos de laboratórios sente muito mais ameaçada pelos chefes e proprietários de laboratórios. Além de não terem estímulos salariais compatíveis com a profissão, vários "adicionais esquecidos", toda a estrutura que cercam profissionais técnicos e auxiliares fortalece o vazio que se percebe nos hospitais e laboratórios e que são mantidos sobre os "laboratoristas", afirmam vários profissionais ouvidos.

Matéria esta baseada num artigo do último jornal DE FATO, foi aqui colocada por ser realidade mineira tão evidente com a Blumenauense, senão catarinense. Desníveis salariais e desrespeito a cargas horárias se chocam ante à completa ignorância quanto a taxa de insalubridade, fora os adicionais, as horas extras que vergonhosamente são ignoradas.

Baseamo-nos nisto na realidade do laboratório do HSA ex-Universitário aqui de Blumenau, que além de contratos tipo "negociata" e outras chantagens profissionais, não paga nem inteiro o salário maternidade correspondente aos meses que cada gestante tem de direito, as suas funcionárias.

Como recorrer aos Sindicatos responsáveis, se os próprios presidentes já torcem a cara admitindo a inutilidade em revirar tais "ninhos".

O problema é que os funcionários que aqui fazem e liberam os exames quando o resultado destes não é dado em função da cara do freguês, nem técnicos especializados são, e a estes funcionários interessa somente a sobrevivência e muito pouco ou nada a conscientização da sua própria força. Como resultado, exames vergonhosos para a rapaziada, que nem desconfia dos macetes.

(M.O.O.O.)

Tenho um comunista em minha casa

— O meu cachorro é comunista —

(Por Oldemar Olsen Jr.)

Os povos ocidentais vivem preocupados com uma ameaça constante de infiltração e domínio comunista; preocupação essa, tardia, pois o comunismo já está entre nós. Senão, vejam o caso do meu cachorro.

1 — É vermelho. Não sei que geneticista maluco concebeu em sucessivas e místicas experiências aquele espécime raro.

2 — Não tem propriedade. Talvez seja uma consequência do capital de giro do próprio dono, pois nem ele tem propriedade.

3 — É esquerdista. Não por voluntariedade adquirida, mas uma circunstância natural devido a um parto prematuro e um mau jeito no pescoço, agora aquele torcicolo é até um charme. (O dono poderia ser esquerdista também, pena que escreva com a mão direita).

4 — O fato de todo ente menos favorecido que apareça lá em casa ser agraciado com aquele sorriso amarelado bem demonstra a afinidade que ele tem pelos assalariados... O fato de que, muitos deles consigam galgar os degraus da escada, evidencia as chances iguais para todos, ausência de preconceitos... Temos assim, uma verdadeira e clara ascensão do proletariado. Aliás, ele acha que devem sobreviver os mais aptos, daí eu deduzo que alguém deve ter lido a Origem das Espécies, do Charles Darwin...

5 — É ateu... Pelo menos eu nunca o vi rezando ou clamando por melhores dias.

6 — É materialista. Eu sinto isso quando mostro um pedaço de carne... Vive babando por ela (a carne).

7 — Quando tento mudar esse costume materialista, introduzindo outros hábitos menos carnívoros, ele se revolta e mostra o seu inconformismo, revelando que está insatisfeito com o sistema.

8 — Num regime falimentar (do patrão)... Naquela vida ao ar livre, despreocupado com as coisas fúteis, qualquer trabalho é trabalho forçado.

9 — A maneira como ele se comporta muitas vezes (principalmente quando está com hidrofobia), demonstra claramente que ele precisa de uma clínica de confinamento, uma lavagem cerebral.

10 — Outra característica alieígena é sua maneira de se expressar. Aqueles monossilábicos e ininteligíveis sons quase guturais simulam uma vontade em ser entendido pelos seus patrícios. Também, a constância com que ele evoca a matilha denota o interesse doentio em divulgar suas idéias e conquistar adeptos.

11 — Quando ele se aproxima de mim, posso notar em seus olhos, a angústia por ter que olhar para cima para ser entendido e o fato de me agachar para brincar com ele põe em evidência um desejo de igualdade de classes.

12 — Por outro lado a grandíssima família dos cães pertence às sociedades coletivas destituídas de classes.

13 — Guardar e enterrar ossos em buracos dificilmente identificados salienta os anseios de economizar provisões em tempo de crise para sustentar uma eventual e maquiavélica revolução.

14 — A maneira como ele se comporta antes de dormir dando aqueles incontáveis círculos antes de encontrar uma posição ideal somados com os seus pernites ao relento (talvez porque não tenha onde ficar) põe a luz o seu devoto ódio a burguesia.

15 — O fato de que ele goste mais de roer um osso, do que em comer uma lasanha, culmina por expor o argumento derradeiro. Ele conhece e entende o conceito da mais valia e por conseguinte, é um marxista convicto.

Em síntese foi o que pude constatar na ortobiose decimal desse cusco. Mas, convenhamos, essa mentalidade canina é, invariavelmente, uma negação de todo o dogmatismo sociológico ocidental.

ACADERNO ESPECIAL

Não basta resistir, é necessário transformar
(O.O.J.)

Lua dos nabres

José Roberto Rodrigues

A meia-luz, na semi-treva,
nada me seduz, nada me enleva.
Olho a lua, nua. Olho-a com tédio,
porém sem ódio. Lua que um poeta doido
cantou enquanto um cão morria
e uma criança nascia para sofrer.
Nascia para viver, para levar soco no boco,
levar porrada na cara, no beico de negro.
Criança negra que nunca será poeta.

A meia-luz, na semi-escureidão,
sonho com um mundo sem escravidão,
sem luas falsas e sem poetas doentes.
O quanto me seduz esta utopia,
está via íngreme da salvação:
trigo, trabalho, igualdade e canção.
O meia-lua, que as nuvens te cubram
antes que eu cobre de ti
o pão dos pobres.

Lua dos nobres.

Lua esnobe.

Confissão do sacana

Pois eu também
passo os meus dias
dizendo a todo mundo
desculpa, perdão, com licença,
como se estas palavras
explicassem toda a minha falta de naturalidade
com o jogo da civilização...

E todo mundo me
desculpa, me perdoa, e dá licença
enquanto eu continuo igual e mascarado
e limpo por fora
e cada vez mais sujo por dentro.

Mas um dia, com toda a coragem
comprada à prestação
numa loja do mercado,
vou sair gritando por detrás de minha máscara:
Que m...! Sacana! debaixo da pele mais lavada
somos todos uns grandíssimos f... da p...!

(Teresinka Pereira) University de Colorado USA

A terra que me contém

é essa minha terra
esse buraco incógnito que me retém
também já se enfatiou da pobreza
e grita no dia a dia
palavras já tantas ouvidas
que faladas não mais são que repetidas
que para o objetivo
mais valem serem reduzidas
ou nem lembradas
que continuam esquecidas.

SOS —

ditam os semblantes nas ruas
as enverminadas olheiras das rodoviárias
soletram as sirenas das tecelagens
sussurram as mulheres comuns do meio dia
ronca o meu estômago à mordomia

penso eu nesses dias de carestia
é essa minha terra
a minha cova proscrita
pois os filhos que aqui reclamam
nem filhos legítimos dela o são

e fica assim
essa pátria sangrando
servindo a estranhos
que satisfeitos se vão
gerando no sêmen esquecido
esses irmãos mestiços
que se tornam o chão.

(Maria Odete Onório Olsen)

Extase do mundo moderno

Por Oldemar Olsen Jr.

As horas de tempos indefinidos
Inquietavam-se em meu crânio nervoso
— De um dia cosmicamente nebuloso —
Aos velhos Momentos de tempos idos!

E daqui onde estou, ouço muitos gemidos,
Oriundos deste cosmo belicoso
Que, incansável, deixa do próprio goso
Para atormentar-me com seus Nitridos.

Destes crescimentos irregulares,
Dentre os desejos de vermes gulosos
Estavam estas Almas seculares...

Ah! com todo aquele Evolucionismo,
Somente herdei os olhares desdenhosos
E a força singular do inconformismo!

EULÁLIA MARIA RADTKE
nasceu em Gaspar e tem 28 anos

Já publicou textos em jornais e revistas de vários estados do país e deverá editar ainda, em 77, uma antologia de poemas. Tem três livros inéditos.

— I —

Não me julgue
um pássaro torto

Julgue o voo
que esse pássaro faz
para chegar a ti

— LXXVI —

Eu quero um amigo
com seus próprios
passos e sonhos

Eu quero a parede
limpa e desenhar
a minha herança

— VI —

costuro a solidão
para não pendurar
um sono torto

vagamente
como o silêncio
que reveste o amor
leões desafinados
desdobram-se
com os sonhos do homem

— IV —

não indago fantasmas
nem a garganta seca
do coração do mundo

tenho meus rastros
e sonhos
e a leveza do voo
na hora da dor

POEMA A EXISTÊNCIA — 11 —

dá-me o encantamento
dos meus sonhos
mesmo que sejam curtos
— ainda existe amor
dentro da renúncia
agora

só agora
meu corpo
adolescente e velho
toca e lava
a esperança do mundo

DE SEGUNDA TRAVESSIA — VI —

quando rasgares este leito
— meu irmão
de pão seco
e verdade apunhalada
beijarás lábios assados
e tentarás dar cor ao vinho
que te escorre entre as mãos

O poeta ALDO SCHMITZ é de Joinville

Editou recentemente a antologia MINI-NUS, que o autor vendeu e distribuiu em escolas, praças e fábricas.

Seu endereço para correspondência é Caixa Postal 445,
CEP — 89.200 — Joinville — SC.

POEMA DE GUIA

Moro nesta data
e nela alojo
as verduras
do verso calado.

Mexe não.
Pode explodir
em pânico
no sotaque da raça;

pode transbordar,
alagando o presente
que espia
com punhal penetrante.

A alma nada na quietude,
mas o poema é do tamanho
do grito eterno.

O verso
está cá, maduro.
Instalado com fé
na verdade do agora

RETRATO

Cravado no muro
sujo do mundo,
o espelho do agora,
em cada poro do verso
tem linguagem
fotografada da face,
do corpo todo:

do corpo suado,
misturado no movidoço lamaçal,
coagulado no sobreviver da teimosia;

da alma pálido
na tristura sem comandos,
no luzir do amanhã.

Tudo retratado.
Preocupa não,
a vida revela.

E, poema é a voz
de cada homem desnudo
nos momentos provisórios.

Aldo Schmitz As Dimensões da quietude (inédito)

NEGRO DEUS

Cidade pequena grande
Zona urbana interior
Coronéis
Senhores de engenho
Casa grande
Senzalas
Classes sociais alfabetizadas
Você pertence a classe "A", "B", ... ou "Z"?
O negro da rua
O estudante negro
O morro da negrada
O casal negro
O black dos cabelos
A algazarra dos negros
A fome negrinho, o caminhar sozinho,
o olhar para o vizinho.
O negro pingado na escola
O negro destacado na universidade
O branco do médico negro
O negro do desafio aberto
O negro esperto
O negro ladrão
O negro irmão
O negro na prisão, o sangue nas mãos,
a luta pelo pão.
O negro da cachaça
O negro que ri do sol, não usa óleo na praia,
contrasta com a areia.
O negro pano de fundo
O negro imundo
O negro alegria nos ônibus
O negro copo na mão samba na calçada
O negro velho, cigarro na boca,
trabalho no chão.
O negro anda pela estrada, não pede carona
nem nada.
O negro passado a limpo, o negro
do garimpo.
O negro do olhar penetrante
O negro da alma cativante
O negro da pele queimada
O negro da varanda
O negro canção na noite escura,
na brancura dos dentes, a procura,
a procura...
O negro homem da vida, homem num
mar de "colarinhos", de portas fechadas,
de dentes cerrados.
O negro abundância nos estádios,
nos espetáculos, na massa desconexa.
O negro este inconfundível,
este desprezível, este enfatizado
mal caráter.
O NEGRO DEUS...
(Itamar Aguiar) Blumenau-SC.

PLEBEUS

Angustiante incerteza,
Dos que vagueiam perdidos
no pântano da ignorância.

Onde a obscuridade da mente,
bloqueia seus passos

Onde o anseio pela liberdade,
trava luta árdua e penosa contra os
dragões de sabedorias.

Ritual antagônico, maçante.

Descortinam reflexos nas pontas das lanças;

Tombam heróis rotineiros de consumo
passageiro.

Ergem-se homens simples, vivos,
De uma PATRIA.

Nilma Maria Gilli — Blumenau

NEGRO DEUS

Cidade pequena grande
Zona urbana interior
Coronéis
Senhores de engenho
Casa grande
Senzalas
Classes sociais alfabetizadas
Você pertence a classe "A", "B", ... ou "Z"?
O negro da rua
O estudante negro
O morro da negrada
O casal negro
O black dos cabelos
A algazarra dos negros
A fome negrinho, o caminhar sozinho,
o olhar para o vizinho.
O negro pingado na escola
O negro destacado na universidade
O branco do médico negro
O negro do desafio aberto
O negro esperto
O negro ladrão
O negro irmão
O negro na prisão, o sangue nas mãos,
a luta pelo pão.
O negro da cachaca
O negro que ri do sol, não usa óleo na praia,
contrasta com a areia.
O negro pano de fundo
O negro imundo
O negro alegria nos ônibus
O negro copo na mão samba na calçada
O negro velho, cigarro na boca,
trabalho no chão.
O negro anda pela estrada, não pede carona
nem nada.
O negro passado a limpo, o negro
do garimpo.
O negro do olhar penetrante
O negro da alma cativante
O negro da pele queimada
O negro da varanda
O negro canção na noite escura,
na brancura dos dentes, a procura,
a procura...
O negro homem da vida, homem num
mar de "colarinhos", de portas fechadas,
de dentes cerrados.
O negro abundância nos estádios,
nos espetáculos, na massa desconexa.
O negro este inconfundível,
este desprezível, este enfatizado
mal caráter.
O NEGRO DEUS...
(Itamar Aguiar) Blumenau-SC.

PLEBEUS

Angustiante incerteza,
Dos que vagueiam perdidos
no pântano da ignorância.
Onde a obscuridade da mente,
bloqueia seus passos
Onde o anseio pela liberdade,
trava luta árdua e penosa contra os
dragões de sabedorias.
Ritual antagonico, maçante.
Descortinam reflexos nas pontas das lanças;
Tombam heróis rotineiros de consumo
passageiro.
Ergem-se homens simples, vivos,
De uma PATRIA.
Nilma Maria Gilli — Blumenau

CARLOS DAMIÃO MARTINS

Tem 21 anos, acadêmico de Ciências Sociais (UFSC),
editou "O DIA COMEÇA POR BAIXO DA
SALA", coletânea de 12 poemas. Tem
poemas publicados em vários
jornais. Recebe correspondência:
Rua Lauro Linhares, 50 — 88.000 — Florianópolis-SC.

— LIBERTAD —

Ela sabe dos
senhores
e dos grandes lagos de
sangue
ao sul.

(1977)

O POEMA RENOVA O AR
deste quarto fechado
domingo.
Te recuero
e mergulho os olhos no copo de vinho
tinto

de tanto suar.

(1977)

— MEDO —

Rua escura
Alta madrugada
Dois homens
Quatro passos idênticos e silenciosos
Duas bocas fechadas

(1974)

RAIMUNDO CARUSO

NO FUTURO

na ponta dos pés
o povo espia

a cédula de 6
dólares
do Brasil

vagões carregados de
bananas
botões de camisa

na ponta dos pés

o
povo
espia
o estômago
peludo
do gato

os pulsos do mapa amarrados
com arame

assoalho manchado
de sangue

saldo ocidental
queimado
sobre a mesa de selos do

correio

na ponta dos pés

o povo
espia

a parturiente morta na escada
a criança seca como inseto
dentro do album de fotografia

geladeira de ratos

afundado
no mar

com o pé na porta

o povo
avisa
o povo

senta-se à mesa e

reparte o pão a máquina
agrícola
a ginástica o livro a liberdade

no país do café
forte

um
coador
torto
mofa

tapa a boca
de soco
cisco no olho

pro
roubo
do
ovo

CERTA PAISAGEM

copos de vinho
virados
na estrada

paciente de hospital abandonado
na rua

cantis de sal no teto da casa
passos duros na escada

caminhão
viaja
de noite
para o norte

e vacas
pastam
no túnel
da infância
da estrada de ferro

MANHÃ

mapa dobrado
no joelho
e 600 cidades
sem trabalho
nem
saúde
caídas no chão ao lado do pé

Desengano (Abel B. Pereira) Florianópolis-SC

do caminho ermo, escuro,
perambulando inseguro,
eu quis, um dia, voltar:
relembrar a mocidade,
rever a minha cidade,
os rios, o campo, o lar...

Buscar amigos de infância
que eu guardava na lembrança,
dos jogos de futebol.
Fui rezar na Igrejinha,
fui procurar Terezinha
pra assistir ao por-do-sol.

Vi a fachada da escola
como quem pede uma esmola
ao alegre Grupo Escolar,
hoje triste e tão deserto:
nem um amigo ali por perto
pra dirigir-lhe um olhar.

Era outra a Professora,
nem Dona Isaura, nem Dora...
Tudo imensa solidão...
nem Silvia, nem Joanina,
cujo namoro, em menina,
só resta recordação.

A noite, uma linda festa!
Segui a Rua Floresta.
Meu peito que dava em ânsia:
— Ali, na praça da Igreja,
é bem possível que eu veja
os meus amigos de infância.

Mulher, Visão do Artista

"Corpo de mujer, blancas colinas, muslos blancos,
te pareces al mundo en tu actitud de entrega".

Mulheres de Neruda,
oh mulher, ser felino e flor!

Oh dama dos salões,
senhoras do lar,
mulheres proletárias;
operárias do dia, da noite,
operárias do corpo, da alma;

oh empregadas domésticas e seus olhos de espera,
lavadeiras de roupa, donas de pensão;
oh babás, fiandeiras, tecelãs,
varredeiras de rua, balconistas, secretárias;
aeromoças, garçonetes;
grávidas virgens, mães enfurecidas,
donzelas no cio, crianças dormindo;
oh mucamas, Nega Fulô,
oh lavradoras no tempo e na esperança;

oh nativas de Gauguin, damas
de Manet, palhaças
de Lautrec; oh carnes generosas,
banhista sensuais de Renoir;
oh Lucíola de Alencar,

Capitu de Machado, Inocência
de Taunay; oh mulheres enluaradas
dos poetas, oh férteis seios,
oh coisa-terra;

oh sublimidades,
proletárias do homem!

Oh sorriso etéreo de Gioconda!
Libertai-vos na visão do artista,
libertai-vos no mundo!

Alcides Buss
(Joinville-SC)

A cidade enganada,
multidão aglomerada,
meu olhar procura alguém.
Tudo estava diferente...
E no meio de tanta gente,
não pude enxergar ninguém.

No outro dia, cedinho,
sem pressa, devagarinho,
ardei por todo recanto.
Voltei só, e amargurado
ao ver tudo tão mudado,
carpindo o meu desencanto.

Oh! que viagem perdida:
mudou-se a mulher querida,
mudou "o Bar do Janjão",
mudou o cinema da esquina,
partiu a Mariazinha,
partindo o meu coração.

Desço a rua desolado,
cabisbaixo, olhar parado,
entro no primeiro bar
que até já tem outro nome.
Tenho sede, estou sem fome,
peço algo pra tomar.

Tomo a bebida da taça,
sufoco a minha desgraça.
Estou desorientado.
Miro, na taça, o meu rosto,
e percebi com desgosto
que eu também estou mudado.

Ode ao companheiro da oficina

Se dos teus braços
sai a informação
poucos o sabem.
Com mãos de artista
dás tratamento a matéria
ainda disforme
que sucede
ao nosso esforço mental.
Teu rosto negro
da tinta da rotativa
lembra o do irmão
dentro da terra
cavando minério.
Resolvo te homenagear,
pois do anonimato,
de um prédio imponente
em meio a blocos
imersos de papel
curtindo barulho
de tantas máquinas
infernais,
vês nascer mais um dia
feito de muito cansaço
regado do teu suor.
Logo cedo,
assim que amanhecer,
o fruto de teu trabalho
invade nossas cidades,
são milhares de corações
pleno de curiosidade
a recolher pressurosos
aquilo que viste surgir.
Quantos somos juntos de ti
donos da mesma alegria
e tantas esperanças
fizemos reacender.
O jornal está na rua
inaugurando a manhã.
Companheiro cumpreste a missão
te saúdo neste canto
como palavras
aperto tua mão.

Alfredo Costa — Rio de Janeiro

OPINIÃO

O poema a "angústia" e a constituinte

(Raimundo Caruso)

Não se sabe ainda, porque cargas d'água, o poema no Brasil é visto e encarado como o gênero literário mais adequado para uma imensa quantidade de frivolidades.

Um contista, por exemplo, quando faz ficção, quase sempre ele é realista, trata das coisas reais, necessárias, e com algum peso na experiência geral de cidadão. Mas quando esse mesmo contista escreve poemas, aí a porca torce o rabo. Ele quer o título, ele repentinamente lembra que perdeu amores, que "está angustiado", que "ama", ou então que é filósofo ou metafísico.

Agora, de um leigo nem se fala. Leigos que mal sabem escrever uma carta, quando sentem uma leve pontada de "dor no coração", em vez de programarem pescarias na praia da Armação ou, se o ca-

so foi mais grave, procurar um psiquiatra, esse leigo, digo, senta numa mesa, "olha o horizonte", e... escreve um poema. Assim, sem mais, nem menos.

Recentemente, também, o gênero "poesia" começou a ser citado no calor dos debates políticos nacionais. Tudo o que é impossível de ser realizado (vide opinião manifestada por Eurico Rezende semanas atrás sobre a necessidade da Constituinte ("é poesia"). Um candidato civil para a presidência também "é poesia".

Impossível? Talvez. Mas, poético?

Um longo e malfadado passado literário brasileiro, onde o poema era assunto permanente de elites desocupadas ou alienadas, marcou o poema como um objeto frívolo, "sonhador" e sem ter nada

a ver com a realidade da vida das pessoas. Como se o poema fosse a constituinte para o senhor Eurico Rezende.

E o pior, educou o leitor nessa perspectiva.

Recebemos dias atrás um jornal literário do interior de Minas com pelo menos 30 poemas. E, pelo menos os títulos eram significativos: "sob o luar", "tua ausência", "meu sofrer", "angústia de te perder" e outros títulos de tangos ou boleros do gênero Vaidik Soriano ou Erasmo Carlos.

A poesia brasileira tem realmente, fora alguns livros de Drummond de Andrade, Bandeira, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade e uns poucos outros, além do antigo Castro Alves, uma grande tendência para a auto-análise, como se o poema fosse um divã psiquiátrico armado entre o Oiapoc e o Chuí.

Essa classe de poetas, por sua formação e muito possivelmente pela sua desinformação, sempre esquece que a linguagem seja ela poética, jornalística ou de ficção, vetula sempre uma opinião.

Como todo poema veicula, velada ou claramente, a verdade, a opinião do poeta sobre aspectos importantes da sua realidade. E isso é informação. Isso é ideologia.

Isso também é uma gota d'água importante.

Agora, é pena que a maioria dos escritores e poetas sequer tenham resolvido ainda os seus casos particulares e individuais da falta de "amor" ou de "excesso de angústia", para então poderem abrir os olhos e enxergar a riqueza e a importância da realidade aqui fora, que é e desta vez, até a raiz, sofrida, e compartilhada e dividida entre todos os homens.

CURSOS

Conjunto Universitário
Candido Mendes
CENTRO DE ESTUDOS
AFRO-ASIÁTICOS - CEAA
Rio de Janeiro,

Prezado Professor,
O Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Univer-

sitário Candido Mendes prossegue suas atividades do 2º. guíntes cursos:

sementre de 1977 com os seguintes cursos:
ANGOLA ATRAVÉS DA LITERATURA, pelo Prof. João Carneiro, de 17 a 28 de outubro, diariamente (exceto sábados e domingos), das 17 às 19 horas.

AMÉRICA LATINA: ESTUDO COMPARATIVO (Argentina, Brasil, Chile), pelo Prof. Jordan Young, de 18 de outubro a 24 de novembro, às 3º.

e 5ª. feiras, das 17 às 19 horas.

MUDANÇAS SOCIAIS NA ÁFRICA NEGRA, pelo Prof. Munanga Kabanguê, de 24 de outubro a 28 de novembro, às 2ª. feiras, das 17 às 19 horas.

PENSAMENTO ORIENTAL: INDIA, pelo Prof. Gustavo Alberto Corrêa Pinto, de 24 de outubro a 5 de dezembro, às 2º. feiras, das 16 às 18 horas.

ÁSIA CONTEMPORÂNEA I: CHINA E INDOCHINA, pe-

lo Prof. Severino Bezerra Cabral Filho, de 25 de outubro a 1 de dezembro, às 3ª. e 5ª. feiras, das 17 às 19 horas

As inscrições para todos os cursos devem ser feitas na sede do CEAA, Rua Visconde de Pirajá 351, 4º. andar, ou pelo telefone — 267-7558, das 10 às 19 horas.

Agradecendo a divulgação deste programa,

Cordialmente
José Maria Nunes Pereira
Vice-Diretor do CEAA.



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.

Centro Cópias Ltda.

Cópias Heliográficas — Xerox — Plastificações de documentos em geral

Rua Floriano Peixoto, 89
LOJA 3 — Fone: 22-3215

BLUMENAU

SANTA CATARINA



ELETRO MÉDICA S. A.

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TÉCNICO E ESMERADO ACABAMENTO, LINHA COMPLETA DE MOVEIS HOSPITALARES, PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERAÇÃO.

Rua Iguacú, 89 - Tel.: 22-4099 - 22-1868 - 22-4956 - C.P. 488 - 89.100

BLUMENAU

SANTA CATARINA

ENTREVISTA II - Concluindo

O — O ACADEMICO
B — BRAULIO M. SCHLOEGEL
A — ARMIM

O — O Clube de Xadrez da DCE está sendo utilizado como sala de leitura, inclusive foram feitas diversas assinaturas de periódicos importantes como a revista Veja, Isto É, Visão... Também, Jornais como O Estado de São Paulo...

A — Inclusive em termos de música, mais ai eu acho importante: música popular brasileira, não adianta encher de fitas estrangeiras, rock, não adianta, não tem sentido. É a turma gostar, então, ninguém está preocupado em bitolar o cara, mas em mostrar ao cara o que é mais importante, o que é bom. Não pelo simples fato de estar na moda e colocar coisas para eles. Começar a incitar eles para verem o que é bom, o que é bonito, o que tem valor. Eu acho que isso aí poderia ser um papel do diretório, começar a dirigir as coisas.

O — A primeira iniciativa foi muito boa. Transformamos a Boate em Clube de Xadrez e houve uma reação violenta.

A — É uma questão de justiça também...

O — Eu acho que é uma questão de distribuição de valores...

A — Ficou quase que uma divisão. Porque em termos de 2.500 alunos você talvez tire 100 que jogue xadrez, que entenda xadrez. Então se criou um ambiente lá, restrito a classe, de alunos que joga xadrez. Então o cara que não joga xadrez que não entende xadrez (eu não sei nem os nomes das pedras de xadrez).

O — Agora, nós poderíamos ampliar essa idéia para o campo da literatura...

A — Bom, claro...

B — Exato.

B — Se você...

O — Porque a literatura é uma minoria, então o trabalho tem que ser feito. Nós temos que agredir de certa forma o leitor, com suplementos aos domingos.

A — Então o trabalho de vocês seria juntar todo o mundo...

O — E com o xadrez é a mesma coisa...

A — Então o fato de você ter um grupo de xadrez, literário, um grupo de estudar física ou química, não tem muita importância porque nesse lugar aí você está gerando um entrosamento com o todo, quando nesse todo pode surgir outras coisas enquanto que num ambiente a coisa fica só isolada, fica restrita. Então se num ambiente você tem N coisas, existe uma maior facilidade de gerar...

O — Mas eu acho que a gente tem que aprender a desenvolver... Porque esse Clube de Xadrez foi uma semente... Agora você veja outro problema, por exemplo trote no vestibular. É uma coisa que a gente herdou, entende. De geração a geração. Então, você recebeu e quer dar o trote, isso no geral. Quando fizemos um manifesto (aliás os manifestos estão muito em voga para acabar com o trote, foi uma polêmica geral... Mas alguém tem que parar a coisa...)

A — Eu acho errado...

O — Eu acho que as idéias revolucionárias é que são essas...

A — Foi no começo do ano passado... Eu acho que andaram tentando aca-

bar com isso lá em Curitiba... Embora é coisa que vem de geração em geração, mas afinal de contas a coisa está evoluindo. Então tem certas coisas que você vai ver isso é um absurdo. Não tem necessidade.

O — E veja o Clube de Xadrez, iniciamos com 20 alunos e tem mais de 100 atualmente. Então, de certa forma a coisa está sendo motivada. Se funcionar vai como bola de neve, crescendo sempre. Vai chegar um dia que todo universitário jogará xadrez, eu espero que chegue lá.

A — Bom...

O — E isso nós vamos fazer com a literatura...

A — Ai que tá. O que eu ia dizer, que existe um perigo em vocês se preocuparem em que todos os universitários joguem xadrez, então todo mundo joga xadrez e ninguém mais lê.

O — Não... Não...

A — Então, a gente está achando que vocês tem que começar a...

O — Mas um individuo que deixe de jogar esnuquer, deixe de jogar baralho para jogar xadrez, ele já está tendo uma escala de valores diferente e dentro desta escala, talvez a literatura assuma um papel também.

B — É o que aconteceu no campo das artes plásticas, por exemplo. Nós aqui em Blumenau, não otinhamos nada em termos de artes plásticas. Então, quando eles começaram, o Bell começou com a Galeria Açu-Açu ele motivou um grupo. Blumenau não tinha praticamente pintor nenhum, não tinha ninguém. Tinha uma exultora e só. Depois eles começaram a desenvolver o campo das artes plásticas, a motivar juntamente com autores de Florianópolis, de outros estados de Sta. Catarina e criou-se um movimento, tu ve, antes de criar-se o curso de Educação Artística na FURB, existia um movimento, hoje, em Blumenau está se brigando por... Em função das Artes Plásticas. Então, hoje tem gente que vende regularmente o seu trabalho... O Guido Heur está indo agora para um Salão...

O — No Rio...

B — Na Air France, digo Meson de France, exatamente expor os trabalhos, fazer uma individual no Rio de Janeiro. É um moço que saiu desse movimento. Nós temos aquele outro, o Rubens Oestrom que também saiu desse movimento que está...

O — Na Alemanha...

B — Na Alemanha. O Pfau que ganhou aí o Concurso de Cartazes do...

O — 1º Salão Universitário de Artes Plásticas...

B — A Sueli Beduschi e, enfim, Alberto Luz...

O — E esse curso de Educação Artística talvez tenha sido em função desse movimento, do mercado...

B — Em função do movimento, do mercado, criou-se um movimento grande em termos de artes plásticas. então, com a literatura, eu acredito que a semente é esta, são os suplementos, são os jornais, são os suplementos do Jor-

nal de Sta. Catarina, que a muito tempo vem publicando crítica, literatura, poesia. Eu acho que isso é que faz com que o pessoal escreva. Então, nas artes plásticas, em função do tempo, se criou um movimento. Está mais madura, assim a criação como de um curso de artes plásticas e hoje, se tivesse uma escola deste tipo, teria mercado. Os artistas viriam fazer este trabalho. Tem muita gente. Criou-se, na parte de Ed. Artística, um interesse. Não em função, acredito que a maioria do pessoal de Ed. Artística, estão fazendo para conhecer a arte, porque foram motivados. E tu ve o que se pensa em Ed. Artística é em termos de artes plásticas e não em termos de literatura, não é em termos de teatro, não é em termos de musica...

A — Não é em termos de cinema.

B — Não. Mas em função do movimento que se criou. Hoje tem esse tipo de resultado...

B — Teatro. Nós com uma tradição em música, teatro. Poderíamos ter também alguém para motivar na área das artes... Música. Blumenau tem uma tradição. Nós não temos nada em termos de música, praticamente. Temos a escola de música, mas com um movimento muito pequeno... Nossos professores fazem pouca divulgação do trabalho. O nosso teatro, por exemplo, não tem um calendário... A FUNARTE, solta um artista no Rio, então vai passar por Blumenau. Aqui dentro da universidade deveria de se criar um grupo de teatro. Teatro universitário... o próprio universitário... Deveria de criar um grupo universitário para apresentar peças para universitários. Então, se reclama que o universitário não vai a um espetáculo de teatro, mas também ele não é motivado, ele não é ambientado. Existe aí o Grupo PHOENIX que é um grupo abnegado que eles já estão a muitos anos, que já é alguma coisa... O tempo que eles estão juntos. Porque não existem outros grupos desse tipo aqui dentro?... Com uma ressalva, para divulgar peças em termos de universidade.

A — Ir ao teatro, não sei se a coisa varia nesse tom toda hora. Em termos de Blumenau em termos de universidade e o da não participação em maior número, ir a um teatro, cinema ou participar de uma atividade cultural é de que também quase que 50% aqui é gente de fora e não ficam aqui. Vem aqui para trabalhar ou apenas para poder estudar, então, no momento em que ocorre estas atividades culturais, ele não se faz presente aqui. Então esse pequeno grupo que ficaria para ir ao teatro ou...

B — Eu não chego a ver a coisa nesse prisma, porque há espetáculos populares, que são bem divulgados, estão o Galeão enche... O nosso próprio teatro aqui, quando há um espetáculo de bastante divulgação, quando o pessoal sabe o que vai assistir, temos os locais sempre lotados...

A — Os filmes que vocês promovem aí (DCE) eu não sei qual é a assistência?

O — Houve época em que, quem che-

gasse atrasado não tinha lugar... superlotava...

B — É... Eu tenho assistido...

B — O que falta agora é uma divulgação dessas atividades... Essa falta de programação, de divulgação, de preparo para qualquer tipo de coisa, essa eu acho que é a grande falha do universitário...

A — Ta aí um problema, um papel que o próprio jornal O ACADEMICO poderia fazer que, mesmo em termos de cidade, nós não temos um jornal que publique uma programação, diariamente, das coisas que vão acontecer.

B — Mas o Jornal O ACADEMICO é um jornal que sai uma vez por mês, então não há condições...

A — Bom, tem esse problema...

B — Então, é um jornal mais crítico e literário ele não pode ser um informativo.

O — É. Elas se tornariam, o jornal se tornaria obsoleto.

B — ... Nós aqui na Biblioteca temos 1.100 ou 1.500 alunos, consultamos, então, na parte de literatura, na parte de letras, nós uma vez fizemos um levantamento, não é o pessoal de letras o que mais procura literatura. É exatamente o oposto, a área de economia, administração, física, química, então a gente nota que esse pessoal tem interesse pela literatura. Nosso setor de literatura é bastante utilizado, basta ver o estado em que se encontram os livros e que são encadernados constantemente. Como foi por exemplo citado a pouco aí do Xadrez... Começou com 20 e hoje tem mais de 100 alunos eu acho isso uma grande coisa.

A — ... Um mural, em termos de cantina, onde eram recortados jornais na área de educação, áreas de interesse... Isso eu não tenho visto aqui.

O — As idéias existem...

A — Sim, claro.

O — Essa idéia do mural já é velha... O diabo é encontrar voluntários para fazerem isso... Todos tem uma série de ocupações.

A — É um problema. Eu tenho visto meu alunos de economia à noite. Alunos que vem de fora estão tendo dificuldades para encontrar meios, grupos para discutir, ou bater papo, não sabem como fazer. Então a gente discutiu isso também. Todo mundo tem alguma coisa para fazer. Ninguém se dá ao trabalho, o estudante, por exemplo, não tem o costume de sair daqui e ir num boteco qualquer e continuar a bater um papo de cultura...

O — Poder crer que tem muitos que fazem isso, periodicamente. Somos os maiores consumidores de cerveja por aí...

A — Isso são grupos pequenos que fazem.

O — Realmente. São grupos pequenos.

A — De um modo geral você não vê isso.

O — Eu acho que está faltando um ponto comum para a turma toda. Você mencionou o Geraldo Luz. Eu conheço, o Bráulio conhece mas e daí... Ele está lá e nós estamos aqui...

A — Mas você vê, ele não continua mais fazendo isso, nem o Bráulio, muito menos eu, continuo fazendo. Mas até em termos de professores está difícil de se fazer um grupo que sai daqui um dia à noite e vai a um boteco e fica batendo papo geral. Então, está difícil de fazer

alguma coisa e essa coisa criar raiz. Mesmo assim, é de se esperar que essa geração que vem assumindo essas coisas. Isso é o que está acontecendo. O pessoal não está mais assumindo...

B — O que acontece também em termos de Colégios e Instituições é uma espécie de paternalismo. Eles não estimulam a criatividade por parte dos alunos. Tu ve aqui o nosso caso, então eles querem forçar alguma coisa em termos extra aluno. De elementos que não são alunos. Então o estudante, muitas vezes não aceita e se revolta com esse tipo de situação. Então eu acho que esse movimento, não penso que o movimento deva ser como eu acho. Não, acho que deva partir espontaneamente dos alunos, qualquer movimento para um trabalho cultural.

A — Qualquer movimento é válido.

B — Lógico, mas tem que partir dos alunos... A direção da faculdade, eles tem obrigação de ajudarem os alunos. Não dizendo: nos queremos que vocês façam a coisa assim. Mesmo nos colégios de segundo grau, quem organiza, não são os alunos, vem da própria direção da escola, ela que organiza e os alunos participam... Olha, essa é uma exposição dos nossos alunos. Na realidade não é bem isso. Então, quando o aluno não participa constantemente da administração, da organização dos trabalhos...

B — Não há interesse. Ele não tem interesse.

A — Essa criação de Centros Cívicos em que a direção (nas escolas de 2º grau) é que vai dar os estatutos, a orientação de como deve funcionar e o que devem fazer, então os alunos não tem interesse. De jeito nenhum. Centros para promoverem as datas nacionais... não há interesse, ele não tem interesse nisso. Eu vejo as coisas, não sei se está certo ver nesse sentido, mas eu dou muito mais valor a existência de um boteco onde você pode ir lá e bater um papo... Que convida você a ir lá bater papo... Em que você irá encontrar uma espécie de grupos homogêneos, embora um seja químico, outro seja matemático, enfim, mas naquele momento o que tem sentido é a discussão de cultura de modo geral. Lá você discute cinema, literatura, futebol e tudo. Digo assim, mais restrito a cultura...

... Agora os caras estavam discutindo sobre móveis, sapatos e roupas... Você quer arrumar um grupo para bater papo... Então eles vão dizer: mas não adianta nada, não se resolve nada, se vai discutir política não leva a nada, quer dizer, nesse ponto muita gente poderia dizer: para que discutir...

B — Também a falta de produções nesse sentido, de âmbito universitário, eu acho que muito pouca coisa que se está fazendo. Então vem a discussão, a crítica, inclusive em termos de trabalhos. Faz-se uma exposição aqui e os elementos que passam ali estão discutindo essa exposição... Muitas vezes quando se fazem promoções, pessoas não muito sérias criam confusões, criam atritos e não nesse sentido de trazer assim, um valor.

A — O estudante poderia criar, parece-me que já havia isso, organizar debates em torno de um assunto da região... Em termos de Rádio, por exemplo, a Rádio Blumenau, eles faziam um programa aos domingos e, isso aí eu sei

porque já participei disso, então eles fizeram um programa sobre planejamento familiar, então tinha uma série de opiniões para médicos, no meu caso, sociólogo, médicos... Problemas de virgindade... Mas então a coisa é fazer isso, mas procurar trazer em termos de estudante.

B — É o que nós falamos a pouco. Ter um centro de debates. Sobre divórcio. Houve a lei, então era um assunto que caberia perfeitamente. Não só para os estudantes de outras áreas para saber qual é a opinião de juristas aqui da universidade sobre o assunto.

A — Veja bem, você poderia botar a coisa em termos de igreja, de juristas e só nesses dois, já se criaria uma polêmica boa pra se discutir... Em termos de população... Tanto eu como o Sálvio o padre Orlando, como sociólogos, então você cria uma série de discussões em cima disso. Então o estudante, claro, participa também. Eu queria saber, não descobri ainda, o que é que o estudante faz, fora do papel dele de estudante, fora esse de estudar. O que ele faz fora do específico, da área dele. Não sei, não dá de você perceber a coisa. Talvez eu percebesse mais em termos de aulas, mas mesmo em termos de aulas eu levo muita coisa do cotidiano; eu saio muito fora daquilo, jogo propaganda, jogo cinema, jogo televisão, jogo tudo no meio e não há retorno. Claro que existem certos pontos cruciais que, se eu jogar do lado esquerdo da coisa eu recebo resposta. Então, se eu jogar religião, se eu jogar família eu sei... Mas fora isso, se eu jogar cinema, se eu jogar...

O — Mensalidades da FURB...

B — Não eu digo...

O — Não a turma é masoquista.

B — Não é um paternalismo. Não a turma paga. Eles acham que não precisam fazer mais nada.

O — É.

A — Não eu estava guardando um assunto de processos sociais em que tem um topicozinho que vai falar em termos de assimilação e acomodação, então a gente diz: vocês estão fazendo esse papel para a FURB. Vocês pagaram, então o que vocês fizeram, se acomodaram, quer dizer, assimilaram, que vocês pagam e ficam quietos. E vocês estão fazendo isso...

B — Não sei se seria esse o desejo da FURB, de manter os estudantes apáticos... Não sei se é, eu acho que a Universidade não está satisfeita em ter uma turma de estudantes desse tipo, que não...

A — ... Eu fiz a crítica em cima dos caras, bom, uma série de pessoas acha que os alunos estão muito agressivos e em termos de professores. Então ele não percebe que também o professor está dentro de um sistema, está vinculado a administração e que as eventuais falhas que podem ocorrer com o professor, mas que em grande parte ocorre na administração, então o aluno não vai fazer crítica a administração... Ele não se ajunta ao professor para fazer a crítica... Ele faz a crítica ao professor... Eles não dão o seu voto de confiança. Agora quando estes estudantes fizeram greve em São Paulo... Não dão o seu voto de solidariedade... então em vez de ficarem aí sem dizer nada... Eo cara diz: o que adianta isso... O cara tá levando pau, e daí...

XI Festival de Teatro Amador de Sta. Catarina

Os Festivais de Teatro tiveram sua iniciativa quando era Diretor do Serviço Nacional de Teatro, MEIRA PIRES, que lançou a Campanha de Popularização do Teatro.

Em Santa Catarina, o I Festival de Teatro foi realizado em 1965, em Florianópolis, por iniciativa da professora Olga Brasil da Luz, Diretora do Departamento de Cultura do Estado. A partir de 1965, anualmente, realizam-se os Festivais, reunindo Grupos de Teatro Amador de todo o Estado. Sediaram os Festivais: Lages, Criciúma, S. Francisco do Sul, Joinville, Florianópolis e Blumenau.

Blumenau sediou três Festivais.

Nos dias 16, 17 e 18 de setembro de 1977 realizou-se em Blumenau o XI FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE SANTA CATARINA.

OBJETIVOS — como o Festival Nacional e os Regionais foram suprimidos o objetivo do Festival foi, principalmente, promover um maior intercâmbio entre os Grupos participantes e avaliar também, o que se faz em Teatro em nosso Estado. Os nossos objetivos foram alcançados, apesar do tumulto criado por parte de alguns Grupos, que resolveram se apresentar num horário imposto, á revelia, por pessoas alheias à Comissão Organizadora, fugindo ao esquema montado, criando um ambiente de tensão e tumulto nos demais Grupos participantes. A não observância do Calendário das Apresentações fez com que o Grupo TULA de Lages não se apresentasse, e o Grupo Phoenix da FURB não concorresse, pois parte da equipe técnica havia-se retirado.

INSCRIÇÕES — antes de sedirmos o Festival, foram consultados outros Grupos de outras cidades, inclusive Departamentos de Cultura, sobre a possibilidade de sediá-lo. Em tempo hábil foram enviadas fichas de inscrição e regulamento (anexos 2 e 3) à todos os Grupos do Estado. Lamentavelmente, o regulamento criou uma série de atitudes, principalmente, por parte de pessoas que costumam usar o Festival para Turismo. Inicialmente inscreveram-se três Grupos, mais tarde os demais anexo n.º 1).

PÚBLICO — se o Calendário das Apresentações fosse cumprido à risca, teríamos um bom público. O não cumprimento dos horários, não permitiu a

cobrança de ingressos (item 8 do regulamento). Os espetáculos foram assistidos principalmente, pelos integrantes dos Grupos participantes, alunos do Curso de Educação Artística da FURB, jurados e outros, quase lotando o teatro no 2.º e 3.º dia do Festival.

ESPETÁCULOS — bons espetáculos foram apresentados (anexo 1). Além do Júri, integrado pelo professor de Gramática Armando Maranhão, pelo cenógrafo Luis C. Ripper e o jornalista Norton de Azambuja esteve presente o Sr. Aldomar Conrado, representante do SNT junto às Federações de Teatro. Foram classificados: "Mesa Grande", "Clitemnestra vive" e "Os mansos da terra", que receberam troféus gentilmente oferecidos pelo Grupo Tejo de Joaçaba.

RECURSOS — O Art. 38 do Capítulo VII dos Estatutos da FETESC diz o seguinte: "Competirá ao Diretor de Arte:

- Elaborar programações artísticas;
- Organizar Festivais;
- Promover Cursos de Teatro".

Alicerçada nos Estatutos, elaboramos fichas de inscrição, regulamento, calendário das apresentações, providenciamos alojamento, o teatro "Carlos Gomes", propagando, etc. e o orçamento (anexo n.º 4 e 5).

Elaboramos dois orçamentos, um para o Serviço Nacional de Teatro, e o outro para o Sr. Nóbrega Fontes, Diretor da Unidade Operacional de Assuntos Culturais da SEC do Estado. A FETESC se absteve a tomar conhecimento do Festival até o momento em que descobriu que o SNT havia liberado a verba solicitada em nosso orçamento, para cobrir despesas do Festival. Por razões desconhecidas a verba foi encaminhada para a FETESC, cuja situação é a seguinte:

Em 25 de abril de 1976 em Jurerê, Florianópolis, foi realizada uma Assembleia Geral, eleita e empossada uma Diretoria. Ao receber os Estatutos para assinar deparei com a irregularidade seguinte:

No "Artigo 21 do Capítulo V diz o seguinte: Reunir-se-á a Assembleia Geral: item a) ordinariamente, uma vez por ano, no mês de abril, para eleger e empossar nova Diretoria e Conselho Fiscal".

No Capítulo VII, § 2 do Artigo 28, diz o seguinte:

"O mandato da Diretoria terá a duração de 2 (dois) anos".

Com tal irregularidade os Estatutos não poderiam ser registrados e a atual Diretoria é irregular. Apesar dos meus protestos em fazer com que a irregularidade seja sanada, a situação parece cômoda e agradável à "panelinha Salva-te Tavares".

Ainda no Capítulo VII, Artigo 32 consta o seguinte: "As vagas que ocorrem em cargos da Diretoria, por qualquer motivo e dentro do mandato, serão preenchidas por seu substituto legal, por um período não superior a 30 dias, período este hábil para a convocação de Assembleia Geral Extraordinária para eleição do novo membro, que ocupará o cargo em vacância.

Parágrafo Único: O Diretor assim escolhido completará o tempo de mandato do substituto".

O 1.º tesoureiro eleito em 25.4.76, foi Luiz Elke Moukarzel. O 2.º tesoureiro eleito, José Paulo da Cunha, só poderia substituí-lo por 30 dias, portanto José Paulo da Cunha não é tesoureiro oficial da FETESC, podendo inclusive ser acionado por ocupar indevidamente a função de 1.º tesoureiro de um órgão que recebe verbas, inclusive federais.

Estes esclarecimentos são necessários, pois os atritos durante o Festival, prendem-se exclusivamente a verba de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) do SNT, destinada ao nosso Festival, e que a irregular panelinha da FETESC pretende manobrar.

CONCLUSÃO

Apesar dos fatos que empanaram o brilho do nosso Festival, que tão carinhosamente organizamos para receber os Grupos Teatrais Catarinenses, temos a certeza de que o Relatório esclarecerá que o tumulto foi parte de um esquema propositalmente armado para depreciar o Festival. Lamentamos o ocorrido, e pedimos escusas aos Grupos que colaboraram para que o nosso Festival se realizasse, pois apesar dos tumultos, o Festival serviu para aproximar os Grupos, trocar experiências positivas sobre Teatro e confraternizar.

Valeu a pena, gente?

VALEU A PENA!

O meu obrigada a todos pela colaboração e incentivo e, até o próximo.

Blumenau, 2 Ode setembro de 1977

Edith Kormann

AGROJARD

TERRENOS E CASAS FINANCIADOS

IMOBILIÁRIA
PROJETOS E MEDIÇÕES

MUDAS ORNAMENTAIS E ECONÓMICAS (KIRI)

O INVESTIMENTO SEGURO E RENTÁVEL ESTÁ NA
AGROJARD — IMOBILIÁRIA CRECI - 205

Rua São Paulo, 732
Fone: 22-06-31

BLUMENAU
SANTA CATARINA

LIVROS RECOMENDADOS

VERDE SUICIDA

Duílio Gomes
 Coleção de Autores Brasileiros
 96 páginas, Cr\$ 32,00

Duílio Gomes, sem qualquer sombra de dúvida, é um dos maiores escritores de sua geração, uma geração ainda jovem, mas rica de talentosos ficcionistas. Seu primeiro livro — *O Nascimento dos Leões* — foi publicado em 1975, e a crítica recebeu-o com entusiasmo.

Verde Suicida contém 13 contos, selecionados entre suas últimas criações, numa linguagem descontraída, mas crítica: "Sou todo favorável à antiliteratura. Eu sou totalmente antiacadêmico, antiortodoxo e antiformalista e isso é fundamental pro cara que quer fazer uma coisa nova".

Fausto Cunha, crítico literário, considera Duílio Gomes um nome realmente representativo do novo conto brasileiro. São suas as seguintes palavras sobre o Autor de *Verde Suicida*: "Duílio Gomes leva para o seu conto mais que o tema, o enredo. Em alguns casos este quase não existe, cria-se uma atmosfera, um clima, um estado de espírito, o leitor sente-se atraído por um campo de força mas sem saber exatamente o que se passa do outro lado da porta".

A capa deste livro é de Laércio D'Angelo, e as ilustrações internas, de Daisy Startari, com o cuidado gráfico que caracteriza a *Coleção de Autores Brasileiros* da Atica.

EDITORIA PAZ E TERRA

HUGUES PORTELLI — GRAMSCI

e o

Cr\$ 60,00

Bloco Histórico

Este estudo, tem como objetivo demonstrar que os principais aspectos do pensamento de Antonio Gramsci se articulam em torno de um conceito chave: o de bloco histórico, que veio enriquecer a ciência Política. O leitor é, portanto, conduzido ao essencial e a ressaltar o valor geral da obra, gramsciana e não apenas à compreensão dentro do ponto de vista de uma práxis política determinada.

PETER L. EISENBERG — Modernização

sem

Cr\$ 65,00

Mudança (a indústria açucareira em pernambuco 1840—1910)

Eisenberg, ao expor e comprovar com farto material histórico esta tese, põe o dedo por assim dizer em duas feridas: ele revela as raízes do "atraso" do Nordeste em relação ao Centro-Sul e ao mesmo tempo mostra como a crise e a abolição da escravatura não ensejaram "automaticamente" o surgimento, em seu lugar, nem de uma economia capitalista moderna, nem de uma estrutura social democrática. A modernização da agroindústria açucareira, ao contrário do que aconteceu com a cafeicultura, não acarretou um amplo desenvolvimento das forças produtivas e, se as formas de dominação se alteraram, o grau de desigualdade em nada diminuiu.

Na linha dos estudos de reconstrução histórica a que se dedicam hoje em dia brasilianistas nacionais e estrangeiros,

GARFO E AGUA FRESCA

Sérgio Tross

64 páginas

Cr\$ 30,00

Sérgio Tross é mais um autor que a Editora Atica tira do limbo dos inéditos na sua linha de comprometimento com a nossa ficção contemporânea. Mineiro, 26 anos, Tross é publicitário oriundo do jornalismo.

Garfo e Água Fresca, seu livro de estréia, é uma seleção de seus melhores trabalhos, que sua apresentadora, Samira Youssef Campedelli, reluta em denominá-los contos.

"Um livro de contos?"

Não tão precisamente.

Dezenove composições: algumas verdadeiramente contos (*Passagens, Bicho-Papão, Expedição*), outras narrativas curtíssimas, sugerindo algo inacabado, no tom de quem começa a contar uma história e subitamente interrompe (*Razão, Inferno*) e outras ainda à moda da reportagem (*Km 431*).

Trabalhando com o cotidiano que nos rodeia e reforçando sempre o prisma da mazela humana, *Garfo e Água Fresca*, mais que um livro de contos, relato, narrativa, é em última análise, uma estupenda advertência, pelo desvario e embrutecimento deste cotidiano.

EDITORIA ATICA S A

Rua Barão de Iguape, 110 — São Paulo

o de P. Eisenberg se destaca pelo rigor da discussão e por certa amplidão de vistas que fazem de sua leitura um exercício mental dos mais estimulantes.

EDITORIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

FAUSTO CUPERTINO — RAÍZES DO ATRASO

(País subdesenvolvido ou potência emergente)? Cr\$ 65,00

Fausto Cupertino vem se revelando, através das obras publicadas, um dos mais argutos e corajosos analistas da realidade brasileira, que aborde os problemas sociais, políticos ou econômicos do País, ou mesmo nos casos, como o deste livro — em que esses aspectos se reúnem visando a um enfoque globalizante. São temas desta publicação as características da formação histórico brasileira, as peculiaridades de sua transição ao capitalismo, a dependência ao exterior e o atraso do campo. Esta obra é uma retomada do trabalho daqueles que sempre tentaram interpretar os problemas de nosso País por uma perspectiva dialética.

FREI BENTO — Cartas da Prisão

Cr\$ 80,00

Carlos Alberto Libanio Christo, o Frei Betto da ordem dominicana brasileira, foi preso e condenado a quatro anos de detenção por crime de natureza política. *Cartas da Prisão* é a coletânea das epístolas que, de dentro do cárcere, enviou a parentes, amigos e irmãos de fé, constituindo-se em documento inestimável na apreciação de luta pelos direitos humanos. Já publicadas em italiano, francês, alemão, sueco, holandês e espanhol, "é um dos altos documentos de autenticidade humana e de beleza literária que jamais se esqueceram no Brasil", como as define Alceu de Amoroso Lima.

LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB)

Em novas e modernas instalações.

VISITE-NOS

Blumenau

Santa Catarina

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBREAL

TROUXERAM-NCS para a aula de Estudos Sociais, uma obra de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) "Mitos do Nosso Tempo", donde concluímos que a chave para a solução de nossos males é superior aos dogmas exclusivamente sociais e políticos. Está em combater ou refutar essa crescente "desespirtualização" em que, pelo menos depois do século XV, tem vivido o mundo ocidental.

O primeiro dever dos estudiosos, será, assim, não só o de serem legítimos e esclarecidos intérpretes de seu tempo, como, principalmente, o de usar toda lucidez na crítica de que observam, possibilitando a definição das coisas pelos nomes e pelos valores que elas realmente tenham.

Três valores estipulamos em consonância com os problemas que preocupam hoje os políticos, sociólogos, psicólogos, economistas, estadistas de todos os povos civilizados: — a industrialização; a ascensão das massas e a emancipação feminina.

Oito são os mitos capitais de nosso tempo classificados por Tristão de Athayde; quatro de caráter geral: a Riqueza; a Técnica, o Sexo, a Cultura; quatro de caráter "político": a Classe, a Nação, a Raça, o Número.

Se a causa de nossos males está na mitologia contemporânea, — um intolerável dogmatismo mitológico, — que provocou violenta "inversão de valores" e consequente desorientação em que hoje nos debatemos, a solução seria a reposição dos valores em seus verdadeiros lugares, não como "mitos contrários", que eles não o são, mas como "Verdades" reintegradas na plenitude de sua significação e concedendo aos

homens a plenitude de sua dignidade.

"A RIQUEZA" é o mito "mais antigo e o mais permanente de todos", que rescrudesceu, agressivamente, com o advento do capitalismo no século XII. A "decadência do espírito de sacralidade" e a "ascensão do espírito econômico" são os fenômenos sempre observados nos períodos em que se desintegram as civilizações, do que somos, hoje, testemunhamos vivos.

O mito da "Técnica", por sua vez, é uma transmutação do mito pecuniário (cresceu demais o corpo do homem, enquanto que a alma continuou do mesmo tamanho...) A Máquina que não é um mal em si, transformou-se, talvez, no mito mais fundamental dos nossos dias.

O mito do "sexo", sendo o instinto biológico "o mais fundamental" da espécie humana, é, entretanto, típico do século XX e, por assim dizer, não existia no século passado. É o mais moderno, explorado e industrializado, mito e deve sua origem científica (falseada) nos primeiros trabalhos de Freud, na "Libido", mas não mencionando a "Tánatos", a morte, a outra face da libido estruturados pelo mesmo Freud.

A maior prova de que o mito não é uma mentira mas apenas a supervalorização de uma verdade relativa em entidade absoluta (quanta falta faz uma infraestrutura filosófica para os nossos acadêmicos!) é que a atribuição de um valor absoluto ao próprio trabalho do espírito cria o mito da "Cultura".

O mito "Político", dentre seus vários mitos, Athayde começa pelo "mais antigo", "o mais ambíguo" (em franca remodelação no mundo inteiro): o mito

"democrático". Não é a Democracia em si, como regime político, que constitui o mito apontado pelo autor; é "o de mocratismo", como diz Maritain, "ou a "democracia" no sentido de Rousseau, digamos, o mito religioso da democracia, que é totalmente diverso de legítimo regime democrático. A "democracia" assim entendida se confunde com o dogma do "Povo Soberano", que, unido ao dogma da "Vontade Geral da Lei", da Maioria", como expressão de "Número", constitui, em seu extremo, o erro de "panteísmo político" (a multidão-Deus...)

Quanto ao mito "classista", sabemos das falhas de todas as tentativas de salvar o mundo pela preponderância política, econômica ou social de qualquer classe, que chega à hipertrofia do classismo, uma das manifestações mais patentes do mito totalitário de nossos dias (capitalismo-comunismo, os dois extremos).

O mito da "Raça" é o mito do sangue e da destruição ao qual opomos o ideal da Família, cujo espírito "é a grande força destruidora do mito da Raça, como a de todos os mitos sociais contrários à natureza das coisas". (Destruindo-se a Família, destrói-se o Homem, destrói-se a Nação).

Finalmente e em conclusão: para os espíritos "realísticos" de nossos dias, talvez pareça um esforço inútil esse de ir buscar na finalidade sobrenatural do Homem a maneira e o caminho "da salvação", pela qual tanto anseia o desesperado e desorientado combatente do nosso século. Que acha Você, Acadêmico irmão amigo? Tema para debater.

Professor: (Augusto Sílvio Proedhl)

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA

COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina



Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)
Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO

FRITZ'S

O local tranquilo onde você pode levar sua esposa ou namorada e esquecer os atropelos do dia a dia. Funcionando todas as semanas a partir de quarta-feiras.

CHOPARIA E PETISCARIA

Rua São Paulo, 777
Fone 22-5659

BLUMENAU
Sta. Catarina